

monteiro lobato publica godofredo rangel

**Camila Russo
de Almeida Spagnoli***

Resumo

Além de escritor, Monteiro Lobato (1882-1948) destacou-se como editor e revolucionou o mercado editorial brasileiro. Ele começou a publicar livros em 1918, mesmo ano em que comprou a *Revista do Brasil*. Godofredo Rangel (1884-1951), escritor mineiro e amigo de Lobato, foi também colaborador na *Revista do Brasil*, no período de janeiro de 1917 a abril de 1924. Ambos trocaram cartas por mais de 40 anos, posteriormente reunidas em *A barca de Gleyre*. Partilhavam o interesse pela literatura. A correspondência testemunha o constante incentivo de Monteiro Lobato para que Rangel publicasse seus textos na *Revista do Brasil*. O presente trabalho busca resgatar, através das cartas, momentos

* Doutoranda em Literatura Brasileira (FFLCH-USP), orientada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, desenvolve pesquisa que explora a produção literária do escritor brasileiro Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*, que conta com financiamento do CNPq. Mestre em Filosofia (2014), pelo Instituto de Estudos Brasileiros-USP. E-mail: camilarusso@usp.br
Artigo recebido em 07/08/2017 e aceito para publicação em 18/12/2017.

dessa mediação de Lobato, inclusive a relação entre o amigo-editor que auxilia seu interlocutor a preparar a narrativa *Vida ociosa* para a publicação em volume.

Palavras-chave

Monteiro Lobato; Godofredo Rangel; *Revista do Brasil*; Correspondência; Crítica Genética.

Monteiro Lobato publishes Godofredo Rangel

Abstract

Besides being a writer, Monteiro Lobato (1882-1948) excelled as a publisher and revolutionized the Brazilian publishing market. He began publishing books in 1918, the same year he bought the *Revista do Brasil*. Godofredo Rangel (1884-1951), a Minas Gerais writer and friend of Lobato, was also a collaborator in *Revista do Brasil*, from January 1917 to April 1924. Both exchanged letters for more than 40 years, later collected in *A barca de Gleyre*. They shared a great interest in literature. The correspondence testifies Monteiro Lobato's constant encouragement for Rangel to publish his texts in *Revista do Brasil*. The present work seeks to recover, through the letters, moments of this Lobato mediation, including the relationship between the publisher-friend who assists his interlocutor to prepare the narrative *Vida ociosa* for publication in volume.

Keywords

Monteiro Lobato; Godofredo Rangel; *Revista do Brasil*; Correspondence; Genetic Criticism.

"Anseio por ver-te publicado e sinceramente te digo que um livro teu me daria mais prazer que um meu".
(LOBATO, 2010, p. 372)

Entre amigos, cartas e literatura

Inovar é verbo certo para referir-se às atividades de Monteiro Lobato (1882-1948). No campo da literatura, além de seu legado como escritor, revoluciona o mercado livreiro enquanto editor cuja rede de distribuição entrou para a história do livro nacional.

Quanto a Godofredo Rangel (1884-1951)¹, embora tenha ocupado a cadeira 13 na Academia Mineira de Letras, o biógrafo Enéas Athanázio apontava, em 1977, uma exígua fortuna crítica. Estudos mais recentes, raros ainda se comparados aos dedicados a Lobato, contudo expressivos por resgatarem a produção literária de Rangel, denotam o crescente interesse de pesquisadores pelo escritor de *Os humildes* (1944).

Nasceu José Godofredo de Moura Rangel em Três Corações (MG), a 21 de novembro de 1884. Após a morte do pai, Rangel, aos 12 anos de idade, muda-se para São Paulo, onde passa a morar com a irmã Lavinia Paraguassu. Em 1902, começa a cursar Ciências Jurídicas e Sociais no Largo de São Francisco. É nessa época de estudante que, por intermédio do amigo Ricardo Gonçalves (1883-1916), Rangel conhece Monteiro Lobato e, com outros jovens – nem todos egressos da faculdade do Largo de São Francisco –, formam o grupo autodenominado Cenáculo. Os jovens reuniam-se quase todas as noites no Café Guarani, à rua 15 de Novembro, e na república estudantil do Minarete, chalé no Belenzinho, onde os três amigos chegaram a morar juntos por alguns meses.

Em 1904, Rangel passa a residir em Campinas, onde leciona por alguns meses, valendo-se da possibilidade de prosseguir no curso jurídico sem frequência integral.

Nesse período, ele e Lobato começam a trocar cartas, amizade epistolar que se estende por mais de 40 anos e está registrada em *A barca de Gleyre*, livro que Lobato organiza e publica pela Companhia Editora Nacional em 1944. A obra congrega, contudo, somente a correspondência ativa endereçada ao amigo e escritor Godofredo Rangel; soma 340 cartas e dois bilhetes. Cobre o período 1903-1948, sendo o primeiro um bilhete sem data, dado como de 1903, e o último uma carta de 23 de junho de 1948, doze dias antes da morte do remetente.

Para os leitores e pesquisadores do escritor Monteiro Lobato, a familiaridade com a figura de Rangel se dá através da correspondência trocada com o taubateano, reunida em *A barca de Gleyre*. Conhecidas nossas são as cartas de Lobato. Entretanto, há sempre algumas perguntas que são levantadas ao redor dessa amizade escrita: O que aconteceu com as cartas de Godofredo Rangel? Por que elas não foram publicadas? Essas cartas existem de fato? Se existem, com quem estão? Tais interrogações tornam-se recorrentes aos que deparam com essa conversa de voz única e, embora permaneçam sem respostas, ganham novas perspectivas nas páginas de um suplemento literário mineiro.

Duas edições especiais do *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG)², organizadas por Márcio Sampaio, são dedicadas a Godofredo Rangel como forma de prestar uma homenagem ao escritor no ano de seu centenário. O primeiro número data de 24 de novembro e o segundo de 1º de dezembro, ambos de 1984. Por meio de transcrições de artigos críticos, depoimento de amigos e familiares, capítulos de romances, contos, além de materiais inéditos – como trechos de obras e de algumas das tão aguardadas cartas a Monteiro Lobato –, o *Suplemento* delinea aspectos da vida desse mineiro que foi escritor, tradutor, professor e juiz, entre outras atividades.

É nesse periódico que se localizam 17 cartas, até então inéditas, escritas por Rangel e endereçadas a Lobato. Márcio Sampaio, organizador da edição, não revela os critérios empregados para a seleção da correspondência publicada, todavia, no texto “A outra Barca” – introdutório das cartas –, aponta a presença dos herdeiros na escolha “daquilo que lhes parece literariamente relevante”, conforme vontade expressa do autor.

Em linhas gerais, as cartas publicadas no *SLMG* recobrem o período 1905-1945, diferindo do recorte apresentado em *A barca de Gleyre* (1903-1948). Seguem longos intervalos de tempo entre as respostas, a exemplo, de 29/12/1922 salta para 24/07/1945. Sobre o que as cartas falam? Assim como a variedade é marca da correspondência registrada em *A barca de Gleyre*, as cartas do *Suplemento* resgatam fragmentos da vida cotidiana de Rangel: a época dos exames finais – quando ainda era estudante, a vida atribulada de juiz, professor e tradutor, o marasmo da roça, o contato e as lembranças dos amigos do Cenáculo. Acompanha-se também as discussões diante dos mais diversos temas – artes, literatura, passagem do tempo, doenças, morte... –, vestígios e etapas do processo de criação e aspectos da própria preparação das cartas para a publicação.

A barca de Gleyre dispõe as múltiplas facetas lobatianas. A partir da compra da *Revista do Brasil*³, Lobato enceta uma trajetória revolucionária na produção do livro no país. Durante as atividades no ramo editorial, não só as amizades com jornalistas e escritores renderam a Lobato material a ser publicado. A correspondência testemunha o constante incentivo de Monteiro Lobato para que Rangel publicasse seus textos, como registra a carta de 30 de setembro de 1918: “Eu queria, agora que a *Revista* é minha, ver-te ali como gato da casa, em todos os números. Com coisas filológicas, com romances e contos, espionhados ou não.” (LOBATO, 2010, p. 429).

Em se tratando de Godofredo Rangel, como utilizar essas mesmas cartas d'*A barca de Gleyre* para conhecer o interlocutor lobatiano? Considerando os processos de edição da correspondência e a própria construção da imagem de Rangel nas cartas escritas por Lobato, de que modo esse diálogo epistolar pode contribuir para os estudos da obra do escritor tricordiano? É nesta perspectiva que recuperamos, através de trechos da correspondência, aspectos da participação de Godofredo Rangel e de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*⁴.

Enseja-se a reconstrução, ainda que parcial e à disposição do ponto de vista lobatiano, da identidade de Rangel por meio das inflexões de sua voz na correspondência restante em *A barca de Gleyre*, ou ainda, na imagem que o próprio Lobato também projeta do amigo. É nas cartas estampadas no *Suplemento Literário* que escutamos – mesmo parcialmente e sem saber os procedimentos adotados para sua edição e seleção – a voz silenciada de Godofredo Rangel. Apesar de o volume de cartas ser limitado, recorreremos a elas para tentar estabelecer alguns diálogos entre os missivistas.

O ineditismo de textos de Rangel, não só das cartas mas também de parte de sua obra, perpassa a vida do mineiro. Veremos adiante que, enquanto editor, Lobato insiste que o amigo publique seus contos e romances.

Porém, antes de nos aprofundarmos nesse momento da amizade, sintetizaremos alguns dos pontos da trajetória da *Revista do Brasil*, focalizando a participação de Monteiro Lobato.

A Revista do Brasil

Apontada pela historiografia como um marco no quadro dos impressos periódicos que circulavam em São Paulo e até mesmo no país, segundo Tania Regina de Luca, a *Revista do Brasil* foi idealizada, no início de 1915, por Júlio

de Mesquita, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, que designou dois auxiliares próximos, Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior, para auxiliá-lo na organização do novo mensário, que inicialmente se chamaria *Cultura*. Em 1918, passou ser propriedade de Monteiro Lobato, que a editou sem interrupções até a falência dos seus negócios, em 1925, totalizando 113 números. Posteriormente, Assis Chateaubriand adquiriu sua chancela e a relançou em três momentos: de 1926 a 1927 (dez números); de 1938 a 1943 (56 números) e em 1944 (três números). Nos anos 1984 e 1990, doze números foram ainda propostos por Darcy Ribeiro. Assim, a *Revista do Brasil* não só conheceu vários ressurgimentos ao longo do século XX, em contextos diversos, como também sofreu alterações em sua materialidade, estrutura e finalidades (DE LUCA, 2011, p 14).

Depois de quase um ano de preparação, o mensário foi lançado em 25 de janeiro de 1916, concebido como uma sociedade anônima, composta de 66 acionistas cujos nomes foram listados no número inaugural. Mesmo diante dos problemas de caixa em razão do aumento do custo do papel – reflexo da guerra em curso na Europa – e da retirada dos empresários germânicos de suas páginas – protesto graças ao apoio que o matutino conferia à França e à Inglaterra –, “As dificuldades econômicas enfrentadas por Júlio de Mesquita em seu jornal não impediram que a publicação viesse à luz, pois, se do ponto de vista estritamente comercial a empreitada não poderia ser considerada das mais atrativas, não há como negar seu alcance simbólico.” (DE LUCA, 2011, p 16).

Embora a publicação tenha logo conquistado prestígio junto à elite letrada, seus números mostravam que o empreendimento enfrentava sérios problemas de caixa. De acordo com Tânia Regina de Luca, vários acionistas não chegaram a entrar com o montante que lhes cabia e, em meados de 1918, o passivo beirava 17 contos de réis. É neste contexto que Monteiro Lobato apresenta sua proposta de compra da revista.

Após vender a Fazenda Buquira, em meados de 1917, propriedade herdada do avô Visconde de Tremembé, Lobato volta a residir em São Paulo, onde passa a se dedicar à literatura. No ano seguinte, arisca-se no ramo editorial e imprime, por conta própria, *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, enquête jornalística que organizara para o *Estadinho*. Ao lado das empreitadas editoriais, o criador do Jeca vê outro de seus desejos tornar-se realidade, a compra da *Revista do Brasil*. Ao final de 1917, Monteiro Lobato fora convidado para substituir Plínio Barreto na direção da *Revista* e, embora criticasse alguns dos rumos tomados pelo periódico, justifica sua recusa: “sou um burrinho muito rebelde e chucro para ter patrão – e iria ter dois: Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol.” (LOBATO, 2010, p. 418). Pouco antes, havia segredado a Rangel sua ambição de ser proprietário do mensário: “Revista sem comando único não vai.” (LOBATO, 2010, p. 412).

Em 30 de maio de 1918, os acionistas da *Revista do Brasil* reuniram-se em Assembleia Geral Extraordinária, para deliberar sobre a proposta feita por Monteiro Lobato, aceita por unanimidade; no dia 3 de junho de 1918 foi lavrada, no 1º Tabelionato da Capital, a escritura de transferência (BIGNOTTO, 2007, p. 182).

Para Tânia Regina de Luca, a presença de Monteiro Lobato não trouxe alterações significativas em se tratando dos aspectos formais da *Revista do Brasil* – estruturação interna do conteúdo, sessões, dimensão, capa, número de páginas, tipo de material iconográfico utilizado. Neste sentido, “O cuidado em preservar a mesma aparência pode ser encarado como uma tática para demonstrar que o periódico continuava fiel ao padrão de excelência que lhe havia garantido renome nos círculos cultos.” (DE LUCA, 1999, p. 66).

Dentre as reformulações, o novo proprietário estava preocupado em tornar o periódico mais leve e atraente, aumentou o espaço dedicado à criação literária

e o rol de colaboradores e revolucionou o sistema de distribuição, o número de assinantes chegou a 3 mil. Se anteriormente as vendas restringiam-se principalmente às livrarias, Lobato empenhou-se em aumentar a rede de distribuição da revista, enviando uma circular a todos os agentes dos correios, na qual solicitava o endereço de estabelecimentos comerciais de diferentes cidades, para assim oferecer sua “misteriosa mercadoria” em consignação.

Criou o cargo de diretor estatal, pessoas que então desfrutavam de renome no mundo literário e o auxiliavam na divulgação da revista em outros estados⁵. Teria, ainda, enviado cartas a amigos e intelectuais, oferecendo a assinatura da revista ou solicitando auxílio para angariar novos assinantes. Em carta de agosto de 1918, Lobato faz um balanço dos sucessos obtidos logo nos primeiros meses da compra do mensário, apontando os caminhos de que se vale para aumentar as vendas:

A Revista do Brasil vai bem. Quando me fiquei com ela, entravam em média 12 assinaturas por mês. Hoje entra isso por dia. Nesta primeira quinzena de agosto registrei 150 assinantes novos. Meu processo é obter em cada cidade o endereço das pessoas que leem e enviar a cada uma o prospecto da revista, com uma carta direta e mais coisas – iscas. E atijo em cima o agente local. Estou a operar sistematicamente pelo país inteiro. Mande-me pois daí o nome das pessoas alfabetas menos cretinas e merecedoras da honra de ler a nossa revista. (LOBATO, 2010, p. 425).

Graças ao amplo esforço para tornar a *Revista do Brasil* um negócio rentável, um ano após sua compra, Lobato conseguiu saldar todo o passivo de 16 contos de réis e ainda dispunha de um ativo de 70 contos. Assim, participa a Rangel seus lucros e o projeto de organizar sua própria editora:

Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero. Isto me induziu a tomar a coisa a sério e criar a Empresa Editora “Revista do Brasil” com o capital de 100 contos. (LOBATO, 2010, p. 443).

De posse da *Revista do Brasil*, Lobato alia a perspectiva empresarial de fundar sua editora sob a prestigiosa chancela da revista, inaugurando a seção com seu livro de contos *Urupês*, que superou as expectativas do autor e esgotou sucessivas tiragens. Na simbiose revista-editora residiria, em larga medida, o segredo da longevidade do periódico (DE LUCA, 1999, p. 77).

Apesar de a seção de edição ter se iniciado de forma subsidiária às atividades do mensário, logo tornou-se o ramo principal dos negócios lobatianos. Mesmo que o nome de Lobato tenha quase sempre figurado entre os diretores da *Revista do Brasil*, ainda segundo Tânia Regina de Luca (1999, p.71), a efetiva gerência do periódico foi sendo progressivamente delegada a outros sócios. Em 1924, a Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato inicia suas atividades e, em carta de 7 de abril, do mesmo ano, o editor noticia a Rangel os novos rumos: “Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sérgio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai — e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado.” (LOBATO, 2010, p. 492).

Quem tem um amigo editor? Rangel tem!

Antes de adquirir a *Revista do Brasil*, Lobato já era colaborador assíduo, figurando em 15 dos 29 volumes publicados. Aliás, em 1915, momento em que ainda procuravam acionistas para contribuir financeiramente com o mensário, Lobato pergunta a Rangel se ele ficaria com uma quota, alertando que “Se te convidarem entra. Precisamos de portas, Rangel.” (LOBATO, 2010, p. 300). Embora não tenham adquirido quotas, Lobato refere-se à revista como “nossa” e convida o amigo para tomar uma assinatura. Para ele, tratava-se de uma publicação única, organizada pelo grupo do *Estado*, “empresa sólida e rizomática” (LOBATO, 2010, p. 328) e “de boa estirpe” (LOBATO, 2010, p. 340). A oportunidade que ambos estavam procurando para ampliar a circulação de seus textos.

É preciso lembrar que, a partir de 1913, Lobato torna-se colaborador frequente de *O Estado de S. Paulo*, tendo seus vínculos se estreitado com a publicação e repercussão dos artigos “Uma velha praga”, em 12 de novembro 1914, e “Urupês”, em 23 de dezembro do mesmo ano. Portanto, mesmo antes de estar à frente da *Revista do Brasil*, Lobato dispunha de considerável grau de influência no periódico, em decorrência do vínculo amistoso com Pinheiro Júnior e Plínio Barreto.

Deste modo, valendo-se de sua posição prestigiosa, Lobato empenha-se ativamente na divulgação dos textos de Rangel. Em julho de 1916 escreve ao amigo: “Passou cá uma quinzena o Pinheiro Júnior e está aí a razão da demora na minha resposta. Levou o teu *Tatá* para a *Revista do Brasil*, refundido, com os progressos feitos aqui na fazenda. Vejamos se o povo gosta de coisas assim horrendamente trágicas.” (LOBATO, 2010, p. 363).

O conto “Tatá” não chega a ser publicado na *Revista*. Entretanto, em nova visita de Pinheiro Júnior, a produção literária de Rangel ainda se destaca:

Quando estive aqui, por várias vezes o Pinheiro voltou ao assunto da *Vida ociosa* – se era boa “mesmo”, se era coisa de valor etc. Ele não sabe julgar por si. Respondi: “Não escrevo ao Rangel sugerindo que mande a *Vida à Revista*: 1) porque a recusa do primeiro conto foi um grande desaforo e 2) porque não há na *Revista* competência para julgá-lo. O que Rangel vai fazer é dar em livro a *Vida ociosa*, com um sucesso tremendo e vocês terão de convencer-se de que não passam duns asnos”. Isso calou no ânimo do Pinheiro e o levou a escrever-te pedindo a *Vida*. // [...] Mande depressa a *Vida*, a tempo de apanhar o próximo número – e sairemos juntos. Vou sugerir ao Pinheiro uma convergência *casual* num futuro número da *Revista* de todo o pessoal do Cenáculo – Ricardo, você, eu, Albino, Nogueira e Raul. Que tal a ideia? A vantagem de dar a *Vida* em revista é poderes tê-la em forma impressa para o “passar a ferro” final. Em manuscrito a gente não vê totalmente um livro. (LOBATO, 2010, p. 368).

A possibilidade de publicar o texto em periódicos e posteriormente organizar uma versão em livro é estratégia a que Lobato se refere em diferentes cartas, como retomaremos adiante. Quanto aos companheiros do Cenáculo, a mediação lobatiana não se delimitou à *Revista do Brasil*. Ao longo dos anos em que se dedicou às atividades de editor, Lobato lançou títulos de Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves e Raul de Freitas.

Ainda antecedendo a publicação da narrativa de Rangel no mensário, Lobato interpela: “Hoje escrevi à *Revista* (como por ordem tua) que ou publicassem a *Vida* [*Vida ociosa*] ou devolvessem os originais. Estão a mangar contigo aqueles paredrecos. Tiro-a de lá e publico-a em rodapé no *Estadinho*.” (LOBATO, 2010, p. 396). A notícia e a eficácia do apelo resultam na carta seguinte:

“A *Vida ociosa* vai afinal sair. Aquela intimação surtiu efeito. Respondeu o Plínio⁶ que a não devolveia porque ia publicá-la.” (LOBATO, 2010, p. 396). É curioso notar que Lobato, ao assumir papel ativo frente à publicação, retoma na carta sua “ameaça” em não lançar o texto de Rangel na *Revista do Brasil*, mas transferi-lo para o *Estadinho* (edição vespertina d’*O Estado de S. Paulo*). Entretanto, vale lembrar que ambos os periódicos eram empreitadas da família Mesquita, fato este que nos leva a desconfiar da viabilidade do apelo lobatiano ou da própria versão relatada na carta ao amigo, uma vez que a “troca” manteria ainda o texto de Rangel em circulação no grupo d’*O Estado*.

Enfim, os capítulos da *Vida ociosa* estampam diferentes números da *Revista do Brasil*, no período de maio de 1917 a janeiro de 1918⁷. Em levantamento feito pelo biógrafo Enéas Athanázio, em “Rangel e a *Revista do Brasil* (1983, p.36-40), recupera-se a colaboração do escritor tricordiano no mensário, no período de 1917 a 1924. Rangel estreia no número 13, com o ensaio “O estilo de Fialho”. Após a publicação da narrativa *Vida ociosa*, seguem-se esparsos os contos “Meu parente” (junho de 1918), “O destacamento” (julho de 1918), “O oráculo” (maio de 1919), “Passeio ao céu” (maio de 1920), “O croisèe” (junho de 1920), “O convescote” (junho de 1922), “O legado” (setembro de 1922), “Um animal estranho” (fevereiro de 1924) e “O bedel” (abril de 1924). Rangel ainda assina os artigos “A retirada da Laguna” (julho de 1920) e “Mealhas” (julho de 1922), o ensaio “Frases feitas” (maio de 1922) e a crítica “Aspectos mineiros” (março de 1923)⁸.

É importante destacar que a obra *Vida ociosa* é posteriormente lançada em volume, em 1920, sob a chancela da *Revista do Brasil*, edição preparada por Monteiro Lobato. Além disso, alguns dos contos publicados no mensário ganham nova versão em livro nas coletâneas *Andorinhas* (1922) e *Os humildes* (1944). No presente artigo, resgataremos, a partir da correspondência de A

barca de Gleyre e das cartas publicadas no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, momentos da mediação e do incentivo de Lobato para que Rangel publicasse seus textos na *Revista do Brasil*, inclusive a relação entre ambos quando o amigo-editor auxilia seu interlocutor a preparar *Vida ociosa* para a publicação em volume.

Logo que se vê como editor, Lobato sonha com a possibilidade de ver o amigo no prelo: “Quem vai cair nas minhas unhas editoriais é você, juiz duma figa! Editar-te-ei inteirinho, com porcentagem dobrada; para os outros, 10% do preço de capa, tabela geral e universal; para você 20%! Felizardo...” (LOBATO, 2010, p. 413).

Em maio de 1918, já proprietário do mensário, sugere que Godofredo Rangel publique os contos escritos para o *Minarete*⁹, periódico este em que o jovem escritor mineiro estreou, em 1903, com seu primeiro conto “Simbólico vagido”:

[...] penso que chegou a hora de publicar na *Revista* todos os teus contos do *Minarete*. Depois os reuniremos em livro e os soltaremos com grandes toques de caixa. Preciso dum romance para rodapé. Manda-me daqueles “números”. Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literárias do país. Curioso, hein? (LOBATO, 2010, p. 422).

Os tais “números” referem-se aos manuscritos de Godofredo Rangel, que costumava denominá-los deste modo: “Quanto à literatura, procuro restaurar o velho hábito de terminar ‘números’” (SAMPAIO, 1984b, p. 10). Na carta de julho de 1918, ficam registradas matrizes do processo de criação da obra rangelina, as quais nos fazem pensar na trajetória que um texto pode ter até sua publicação. Em diferentes missivas, Lobato sugere a edição em periódicos como antecessora da versão em livro, prática já frequente entre outros escritores na época. Ainda em 1909, época em que ambos jovens escritores compartilhavam as narrativas produzidas, Lobato sugere a publicação em

periódicos, especificamente no *Minarete*, à medida que escrevem, com a finalidade de “passar os contos à letra de forma, para melhor os consertar” (LOBATO, 2010, p. 196), como uma “espécie de primeira prova tipográfica” (LOBATO, 2010, p. 197).

Aliás, o criador da *Emília* também se utiliza da possibilidade de lançar em volume textos que já haviam sido publicados, como exemplificam as obras *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Ideias de Jeca Tatu*, que reúnem escritos publicados anteriormente no *Minarete*, *O Estado de S. Paulo* e *Estadinho*. Lobato já havia compartilhado em carta seu plano para publicar-se: “Quanto ao meu livro, espero completar aí uns quinze contos que me agradem; publico-os na *Revista do Brasil* e depois de impressos dou-lhes a forma definitiva. Só então arriscarei nos quinze contos os 2 contos de réis que me custará a edição.” (LOBATO, 2010, p. 402).

Ademais, cabe mencionar que esse “ensaiar-se” em periódicos da grande imprensa permitia que, ambos ainda sem lançar-se em livro, vissem seu nome tornar-se conhecido entre os leitores, preocupação registrada anos antes, em fevereiro de 1915:

Dizes bem quanto à disseminação do nome por intermédio de outras folhas. Isto é como eleitorado. Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de oitenta mil leitores, dada a circulação de quarenta mil do jornal e atribuindo a média de dois leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome – e isso ajuda. // [...] Para quem pretende vir com livro, a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio – e em vez de pagarmos aos jornais pela publicação dos

nossos anúncios, eles nos pagam – ou prometem pagar. (LOBATO, 2010, p. 306).

Entre as leituras de Lobato, é provável que os textos de Rangel tenham sido os mais lidos, analisados e comentados. O otimismo para com a produção de seu interlocutor está presente desde a primeira carta registrada em *A barca de Gleyre*. Em se tratando especificamente da obra *Vida ociosa*, há diversas passagens em que Lobato comenta o livro – personagens, enredo, construções linguísticas – de modo que se pode acompanhar vestígios dos bastidores da criação do texto, da publicação na *Revista do Brasil* e da versão em livro.

A trama centra-se em episódios vivenciados por Dr. Félix, narrador-personagem, em sua fuga da vida atribulada de juiz, no cotidiano simples da vida interiorana: as conversas, contações de histórias, as fartas refeições, as horas de ócio e tédio, a observação da vida e dos costumes... em meio às digressões e sem pressa nenhuma, como nos lembra Alphonso de Guimarães Filho (SAMPAIO, 1984a, p. 8). No capítulo inicial "A estrada", acompanha-se a descrição minuciosa do caminho feito pelo juiz Dr. Félix, em uma de suas viagens à fazenda Córrego Fundo, em visita ao casal de amigos Próspero e siá Marciana, e seu filho Américo. Logo nas primeiras páginas, a leveza da descrição da paisagem rural contrasta com uma prosa pincelada de vocábulos de difícil compreensão, traço este que nos remete a Antonio Candido (1955, p. 7) ao apontar a tendência estilística de Rangel ao rebuscamento, característica da escrita caligráfica¹⁰.

As primeiras críticas lobatianas à *Vida ociosa* estão apontadas na carta de 6 de fevereiro de 1915; após a leitura de fragmento da narrativa, ainda inacabada e em processo de construção, Lobato escreve suas impressões quanto à composição das personagens e sinaliza o envio de nota no texto original:

Já li o segundo fascículo de *Vida ociosa* e agradei-me ver os tipos se irem definindo, firmes.

Emergem do limbo. Até o Américo, que na primeira parte me pareceu informe e incapaz de varar todo um romance como tipo sem recorrer a muletas, apurou-se e vai numa beleza. O negrinho aluno está uma pura maravilha; conheço uns tantos desses pretos de pastinha, brancos por dentro, pretos só por fora. Zé Correto! Até o nome não podia ser melhor. A cena das galinhas: muito pitoresca, embora prejudicada pelo desenvolvimento excessivo, como farei ver em nota no original. E tudo mais no mesmo diapasão. (LOBATO, 2010, p. 304).

Na missiva de 1º de agosto de 1915 seguem outros registros lobatianos, ainda elogiosos, ao texto de Rangel:

Acabo de ler a última parte de *Vida ociosa* e corro ao papel para que nada se perca do calor da primeira impressão. Confesso que as partes anteriores me deram a suspeita de que em vez de um romance com *desenlace*, a coisa te saísse simples crônica da vida roceira¹¹. Enganei-me. Parabéns! O Capítulo do Sô Quim está magnífico de observação e graça: é da gente rir como em Mark Twain. Aquele "ajutório", aquele "fazer companhia", oh, aquilo é ouro. O remate, a seca do cliente, a surpresa do anel e a criação da escola são uma obra-prima de beleza, emoção e arte. (LOBATO, 2010, p. 304).

Desde que lera *Vida ociosa*, Lobato mostra-se disposto para auxiliar o amigo na publicação. Após a leitura do manuscrito, compartilhada também com Ricardo Gonçalves, Adalgiso Pereira e Purezinha, participa a Rangel, em carta de 4 de agosto de 1915, a decisão de lançar o penúltimo capítulo em rodapé no *Estadinho*, mesmo sem o consentimento dele. Encerra a missiva convidando-o a combinar o lançamento em livro: "Queres negociar comigo a publicação da *Vida ociosa*?"

O Monteiro Lobato editor do Godofredo Rangel – que maravilha!” (LOBATO, 2010, p. 326).

Em nova carta, pouco mais de um mês depois, sobressai o compartilhamento das etapas do processo de criação e publicação um do outro, em momento, inclusive, que a escrita assume as quatro mãos. Lobato, ao enviar a Rangel um exemplar do jornal onde saíra o referido capítulo, informa as alterações que fizera no manuscrito antes de enviá-lo ao vespertino: “Como não estava revisto, veio-me a liberdade de, ao copiá-lo, fazer umas correções, do que humildemente te peço perdão.” (LOBATO, 2010, p. 326). O trecho é exemplar para suscitar não só questões relacionadas à autoria, bem como o papel da amizade na criação/publicação.

Lobato sugere e intermedeia, como já referido, a publicação de *Vida ociosa* na *Revista do Brasil*, com a vantagem de “tê-la em forma impressa para ‘passar o ferro’ final.” Assim sendo, em 1917, os capítulos da narrativa figuram nas páginas do mensário. Ainda no mesmo ano, Godofredo Rangel publica em rodapé no *Estadinho* o romance *Falange gloriosa*. Ambos os textos interessariam Lobato que, em 1918, já proprietário da *Revista*, logo inicia campanha para que o amigo lhes dê uma nova versão:

Estive pensando no seguinte: é preciso editar a *Vida ociosa* e a *Falange gloriosa* – você é o homem dos “osas”. O fato do teu romance ter saído na *Revista do Brasil* corresponde a quase ineditismo. [...] É indispensável vires a público em livro, porque o livro é como o germe que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda lá, pois, com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz, que está idiota e ninguém aceita e ainda ontem vi condenado por uma dama de faro apuradíssimo – e manda-mo. (LOBATO, 2010, p. 425).

Os versos do poema “O livro e a América”, de Castro Alves, são lembrados por Lobato que, perspicaz em seu apelo, recorre ao poeta para exaltar a importância do livro “Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão-cheia... / E manda o povo pensar! / O livro caindo n’alma / É germe – que faz a palma, / É chuva – que faz o mar”. Novamente, a ideia do “ensaiar-se” em periódicos e depois lançar-se em livro reaparece na correspondência. O editor impõe-se na carta e sugere que Rangel faça as correções necessárias, inclusive, modificar o final da narrativa. Para isso, apoia-se na opinião de *uma dama de faro apuradíssimo*. Em *A barca de Gleyre*, Purezinha, a esposa de Lobato, fora referida como leitora e crítica privilegiada do tricordiano: “Todos me falam da *Vida ociosa* e da *Falange*. E o mais que te digo é o que já disse. Purezinha dá-te grau 10. E bem sabes que o juízo dela vale ouro, porque é instintivo e portas adentro” (LOBATO, 2010, p. 416). Lobato valoriza também a sinceridade da esposa e suas sugestões “Eu respeito os pareceres de Purezinha, porque é a única pessoa que quando não gosta diz: ‘Tire isto e mais isto. É asneira. E aqui está comprido demais; corte.’” (LOBATO, 2010, p. 402).

As cartas testemunham a espera e o incentivo de Lobato para que Rangel lance em volume *Vida ociosa*²². O editor, que advoga em vários momentos a favor da publicação em periódicos, critica a fragmentação da narrativa na *Revista*, favorecendo o ineditismo do texto:

[...] *Vida ociosa*, esse livro maravilhoso que teimas em não editar e que seria um sucesso de primeira ordem. Grande erro publicar romances em revistas mensais, um fragmento em cada número. No mês de intervalo entre um pedaço e outro, o leitor esquece o fio – e acaba não lendo o resto. De modo que apesar de saído na *Revista*, o teu romance continua positivamente inédito, e teimas em não dá-lo em livro... (LOBATO, 2010, p. 442).

Finalmente Godofredo Rangel atende aos apelos lobatianos e decide publicar *Vida ociosa*. Entusiasmado, Lobato participa os planos de lançar a obra no Brasil e na Argentina.

Ora até que enfim resolves soltar a *Vida ociosa*! Vais ver o sucesso. Antes, porém, de tratar comercialmente a coisa, vou explicar-te onde estamos e ao que vamos. [...] Ora, tudo isto para te dizer que podemos lançar também lá [na Argentina] a tua *Vida ociosa*. Ao mesmo tempo aqui e em Buenos Aires. E este fato forçará aqui a atenção do público. Que tal? Manda-me os originais definitivos para calcularmos o custo da edição e fazemos proposta. Estou ansioso por te ver no giro. (LOBATO, 2010, p. 443).

Os projetos futuros de Lobato em parceria com a Argentina se concretizam, de modo que as relações se estenderam para além da *Revista do Brasil*³. Entretanto, *Vida ociosa* não ganha versão em espanhol, apenas o capítulo “O sentenciado Lourenço” foi traduzido e publicado por Benjamim de Garay, no jornal *La Nación*, de Buenos Aires. (ATHANÁZIO, 1977, p. 43).

Mesmo dispondo de poucas cartas publicadas, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, a missiva de 16 de novembro de 1919 recupera a voz de Godofredo Rangel frente à publicação de sua obra, manifestando a resistência do escritor em lançar-se no mercado editorial:

[...] Quanto a meu livro, segura breve (o “*Vida ociosa*”) para que o edites em volume se ainda te mantiveres na mesma atrevida intenção. Vais talvez arriscar dinheiro imprópriamente e, o que é pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro

daquela natureza para ti e remorsos para mim. (SAMPAIO, 1984b, p. 10).

Monteiro Lobato dedica-se ao trabalho com *Vida ociosa*. Outras cartas testemunham o preparo da edição, os comentários críticos, as alterações e as sugestões ao amigo. Sua visão da literatura mostra um editor “tirador de leite dos escritores”, como se refere em carta de 20 de fevereiro de 1919, que se reconhece inserido na indústria editorial, que vivencia as demandas do livro enquanto mercadoria: “Já meço literatura às toneladas. Há mil coisas a atender, e o tempo voa e não dou conta do serviço.” (LOBATO, 2010, p. 434). É sob esta perspectiva mercadológica que sinaliza para Rangel as vantagens de alterar os títulos dos capítulos de sua narrativa:

Recebi *Vida ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anticomercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o em que cada capítulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus. Se queres, eu mesmo batizo os capítulos – ou então manda-me daí os nomes. (LOBATO, 2010, p. 433).

O trecho permite discutir o lugar do editor e, por conseguinte, do leitor, nos meandros da criação e edição da obra. Lobato não só sugere a alteração, como se propõe a batizar os capítulos. Além dos títulos, o editor não aprova o desfecho da narrativa, como aponta na carta de 29 de agosto 1918 e retoma o assunto próximo à publicação:

Queria pregar-te uma surpresa: dar a *Vida ociosa* pronta quando menos esperasses. Mas o sentimentalismo entrou em conflito com o

utilitarismo – e lá vão as provas para o teu repasse final. Falha a surpresa, mas escapas ao perigo de erros por descuido aqui. Creio que entre nós não é preciso contrato. Tudo meio a meio, como já combinamos. Mas é forçoso que cortes aquele final com que toda gente – e com carradas de razão – se implica. (LOBATO, 2010, p. 455).

Vieram as provas. Mandarei segundas. Dos dois títulos, melhor o velho. *Bonança!* Desenxabido demais. Molenga. Vê se achas coisa mais forte, mais sugestiva. (LOBATO, 2010, p. 455).

Uma breve análise das versões de *Vida ociosa* publicadas na *Revista do Brasil* e na edição de 1920 revela que Rangel segue algumas das sugestões de seu editor e altera a enumeração dos capítulos por “títulozinhos tentadores”, além de suprimir o último capítulo também criticado²⁴.

O prefácio de *Vida ociosa* também fica sob a responsabilidade de Lobato, que o encomenda a Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta. Em carta de 1920, o amigo editor conta a Rangel que o escritor de Madame Pommery, “o espírito mais fino que havia em São Paulo”, recebera com gargalhada, em um primeiro momento, o convite para assinar o texto de apresentação. Contudo, diante da insistência lobatiana, Malta leva as provas do livro e, dias depois, aparece com o prefácio escrito em cinquenta tiras. “– Então? – perguntei. – É a mais perfeita obra-prima que tenho lido nesta terra! E dissertou sobre a *Vida* com tal entusiasmo que me comoveu.” (SAMPAIO, 1984b, p. 7).

Além de elogiar o rigor tipográfico da edição preparada por Lobato, Godofredo Rangel, em carta de 29 de dezembro de 1920, exalta o viés historiográfico adotado no “Prólogo dispensável”, título do prefácio de Hilário Tácito. A timidez em escrever ao prefaciador

em agradecimento delinea a imagem de um escritor reservado e, em certa medida, dependente de seu amigo-editor para intermediar-lhe as relações:

Recebi 15 exemplares do “*Vida Ociosa*”. O trabalho tipográfico está primoroso. Realça-lhe ainda o valor do prólogo. O Minarete já tem uma história narrada a sério por um historiador às direitas. Se o livro não valer por si, valerá pelo prólogo que é, não só uma crônica primorosamente escrita, como um repositório de dados interessantes sobre o pai do Jeca e sua formação literária. [...]. Vejo pelo carinho que tiveram meu livro chocho e pueril que estão deveras resolvidos a lançar-me. Pelo êxito teremos a medida da força projetiva de vocês. Peguei da pena várias vezes para dirigir-me ao Hilário Tácito agradecendo, mas não soube como dirigir-me a ele. Aterra-me escrever a um homem de espírito, com que não privo. Isso me obrigaria a artesoar frases e repuxar conceitos finos do bestunto e duvido muito que fizesse coisa que não impressionasse mal. Reservo-me, por isso para agradecer-lhe pessoalmente quando eu aí for. [...] (SAMPAIO, 1984b, p. 10).

Lobato não só lê *Vida ociosa* como sugere cortes e títulos de capítulos; revisa a ortografia, faz propaganda da obra entre os amigos e encomenda o prefácio a Hilário Tácito. O que caracteriza um editor de sucesso? Em se tratando de Lobato, observa-se através d’*A barca* como seu nome vai se inserindo nos meios intelectuais brasileiros. Anos antes, o livro *Canaã* é discutido em carta com Rangel; já como editor, em 1921, Lobato é procurado por Graça Aranha e, curiosamente, conversam sobre *Vida ociosa*:

Esteve por aqui o Graça Aranha. Foi interessante o nosso encontro. O Jacinto, daquela

livrariuzinha O Livro, telefonou-me dois dias seguidos. Primeiro dia: 'O Graça Aranha está em São Paulo e quer conhecê-lo'. Fiquei contente e agradeci. Segundo dia: 'O Graça Aranha quer conhecê-lo. Venha cá'. Respondi: 'Não posso. Muito serviço. Se de fato ele quer me conhecer, que venha procurar-me aqui'. Sim, porque quando eu quero conhecer alguém, eu o procuro, não o mando chamar sob vara. E afinal o Graça Aranha veio ontem e conversamos longamente e ficamos amigos. Falou tão bem da *Vida ociosa* que me entrou no coração. Eu hoje avalio os homens pela capacidade de compreensão do teu livro. Amanhã vamos almoçar juntos. (LOBATO, 2010, p. 471).

Dessa forma, o amigo e epistológrafo assume, ao longo dos anos em que esteve à frente dos negócios editoriais, a tarefa de editor de Godofredo Rangel. Entre os benefícios dessa relação amigo-editor, Lobato determina: "[...] lucros divididos ao meio – Tabela especial para os

amigos. Os outros só têm dez por cento e ainda acabo não lhes dando nada, como fazem os editores espertos." (LOBATO, 2010, p. 446). Contudo, através da análise do conjunto epistolar d'*A barca de Gleyre*, pode-se concluir que, enquanto amigos, ambos escritores se beneficiaram das trocas epistolares: sugerem e discutem leituras, apontam caminhos literários, adotam, como parte do processo de criação, as sugestões e as críticas um do outro sobre as diversas versões de seus textos.

Quando se torna editor, Lobato não se esquece de seu amigo número 1, como denomina Rangel em carta (LOBATO, 2010, p. 67). É com entusiasmo e exaltação, ainda em 1915, que termina a leitura do manuscrito de *Vida ociosa*: "A publicação desse livro vai ser um acontecimento literário. Coelho Neto, nada! Acadêmicos, nada! Você vale todos os romancistas da Academia de Letras." (LOBATO, 2010, p. 325). Assim, Godofredo Rangel encontra em Monteiro Lobato um amigo que se multiplica em leitor, crítico, editor, divulgador... e em tantos outros que uma amizade por mais de 40 anos possa permitir.

Referências bibliográficas

ALBIERI, Tháís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

ATHANÁZIO, Enéas. Rangel e a *Revista do Brasil*. In: _____. *Figuras e lugares*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1983.

_____. Posfácio. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Prefácio de Autran Dourado. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos, [1955].

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999.

_____. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.

RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

SAMPAIO, Márcio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 19, n. 947, 24 nov. 1984a.

_____. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, 1º dez. 1984b.

TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n'A barca de Gleyre. In: X Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, Porto Alegre, 2012. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 129-135.

Notas

1 Godofredo Rangel publicou uma gramática, *Estudo prático de português (1917)*; os romances *Vida ociosa (1920)*, *Falange gloriosa (1955)* e *Os bem casados (1955)*, os dois últimos, edições póstumas; dois volumes de contos, *Andorinhas (1922)* e *Os humildes (1944)*; a narrativa *A filha (1929)*; três obras infantis, *A banda de música do onça (1943)*, *Histórias do tempo do onça (1943)* e *Passeio à casa de Papai Noel (1943)*. Foi colaborador em diversos jornais e revistas: *O Povo*, *O Combatente*, *O Minarete*, *O País*, *A Lanterna*, *O Dia*, *A Novela Semanal*, *O Estado de S. Paulo* e *O Estadinho*, *Vida Moderna* e *Revista do Brasil*.

2 Encontram-se digitalizadas e disponibilizadas as edições do *Suplemento Literário de Minas Gerais*: de 1966 a 2004, em <<http://150.164.100.248/WebSupLit/>>, e de 2006 a 2016, em <<http://www.cultura.mg.gov.br/a-secretaria/consulta-publica-2/suplemento-literario>>.

3 *A Revista do Brasil* pertenceu a Monteiro Lobato durante o período maio de 1918 a maio de 1925, tendo publicado 84 números (Cf. DE LUCA, 1999).

4 Para um histórico da *Revista do Brasil*, conferir os trabalhos da historiadora Tania Regina de Luca, em *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a nação (1999)*, no qual concentra-se no período de 1916 a 1925, considerado a primeira fase da publicação, revisitando as

grandes temáticas percorridas pelo periódico, dirigindo-se para a questão nacional. Além disso, percorre a história editorial, as condições da produção, da atuação de seus editores e as reações dos leitores. Na obra *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil* (2011), Tania Regina de Luca retoma seu objeto de estudo, ampliando sua investigação para os anos 1916 a 1944. Contrapondo o mensário com outras publicações da época, identifica as linhas que separavam as revistas ditas ilustradas e de variedades daquelas chamadas culturais e literárias. _____. (2011). *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)*. São Paulo: Editora Unesp.

5 Foram diretores estaduais: José Maria Bello (RJ), J. A. Nogueira (MG), Mário Sette (PE), Antonio Salles (CE), João Pinto da Silva (RS), J. de Aguiar Costa Pinto (BA), Seraphim França (PR), Alcides Bezerra (PB), Henrique Castriheiro (RN), João Batista de Faria e Souza (AM). Os diretores estaduais foram mencionados na revista entre os números 33 e 52. (DE LUCA, 1999, p. 67).

6 Plínio Barreto era na época chefe da redação da *Revista do Brasil*.

7 Excetuando-se o número 23 da *Revista do Brasil*, de novembro de 1917, que não traz capítulos de *Vida ociosa*.

8 Além das publicações assinadas por Godofredo Rangel, Enéas Athanázio também reúne referências feitas ao escritor na *Revista do Brasil*, entre elas estão a recepção crítica das obras, ensaios e, até mesmo, publicidade dos lançamentos rangelinos. Cabe destacar a importância deste material como fonte para pesquisa da recepção da obra de Rangel na época. (Cf. ATHANÁZIO, 1983, p. 36-39).

9 O *Minarete* circulou em Pindamonhangaba de julho de 1903 a julho de 1907, dirigido por Benjamim Pinheiro.

10 Antonio Candido, no prefácio de *Falange gloriosa*, descreve a *maneira literária* de Godofredo Rangel, *caligráfica*, em que se assemelharia a um grupo de calígrafos, sensíveis à beleza formal da página, trazendo à escrita uma aplicação minuciosa. Aponta como pecado da literatura caligráfica, inclusive na obra de Rangel, a tendência ao rebuscamento e a frouxidão na economia do livro, caracterizada pela não subordinação a uma linha definida de composição.

11 É interessante notar que, na primeira edição em livro, em 1920, *Vida ociosa* ganha o subtítulo “romance da vida mineira”, que chega a ser alvo de debate. Enéas Athanázio conta que o crítico gaúcho João Pinto da Silva teria julgado inadequada a denominação “romance”, contestando a falta de entrecho, de uma intriga, em *Vida ociosa*. (ATHANÁZIO, 2000, p. 109).

12 Como consta nas cartas de 17/08/1918, 29/08/1918, 08/02/1919, 20/02/1919, 04/03/1919, 25/06/1919, 06/07/1919, 05/11/1919, 30/12/1919.

13 Thaís de Mattos Albieri estuda as relações entre Monteiro Lobato e os intelectuais argentinos contemporâneos do autor, em um período que se estende de 1919 a 1948. (Cf. ALBIERI, 2009).

14 Outras alterações na versão impressa da *Revista do Brasil* e da primeira edição em livro são resgatadas pelo pesquisador Emerson Tin, em “Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’A barca de Gleyre”. Diferentes modificações do romance em questão, sobretudo estilísticas, também podem ser verificadas nas notas da edição lançada pela Casa da Palavra – Edições Casa de Rui Barbosa (2000), na qual utilizou-se fielmente a segunda edição sob as vistas do autor, de 1934, e cotejou-se com a primeira versão de 1920. (Cf. TIN, 2010; Cf. RANGEL, G., 2000).